

Rescaldo da Edição 300

Feedback from the Issue 300

Eng. Ilídio Mariz Simões

Como é natural esperava com muita curiosidade o n.º 300 da *Electricidade*. Não para verificar se o meu modesto escrito nele figurava. O que muito me interessava era ler as contribuições dos colegas que certamente tinham melhor interpretado a solicitação de uma contribuição nessa oportunidade.

De facto, assim aconteceu, mas confesso que me sinto entristecido por não ver artigos assinados por electrotécnicos distintos, alguns até antigos colaboradores da revista.

Porquê esta falta de interesse?

O Director da revista também se sentirá chocado por esta indiferença de tantos. Seria bom que tivessem escrito, quanto mais não fosse para dizerem uma palavra de apreço e reconhecimento pelos esforços que sustenta em manter vivo "o fogo sagrado" duma obra que não queremos que se extinga.

No seu artigo de abertura transparece algum desânimo, mas atente que não está só. Disto é prova os testemunhos eloquentes dos que por várias formas se manifestaram sobre o "panorama" e missão futura da revista.

E já agora, permita-me que lhe diga aqui algumas das impressões relacionadas com a leitura de 300.º número da *Electricidade*.

Houve pequenas contribuições, que, embora curtas, têm a virtude de com poucas palavras darem o devido e justo realce à missão de divulgação cultural desempenha pela *Electricidade*, missão que se considera necessário que prossiga.

Aliás, o voto pela continuação da obra a cargo da revista é partilhado por todos que colaboraram neste número comemorativo de 36 anos de existência.

□

A ligação da revista às Universidades, estabelecida em boa hora, está devidamente apreciada, visto que dela tem resultado vasta e valiosa colaboração em artigos versando a comunicação de estudos e de trabalhos de investigação realizados pelos docentes desses estabelecimentos de ensino superior.

Assinala-se a dada altura a copiosa documentação relativa a trabalhos sobre a conservação da energia, planeamento de novas instalações e segurança das pessoas.

Não desejo tomar muito tempo com as minhas sensaboras impressões e vou tentar limitar-me a notas sobre os artigos que maior interesse me despertaram. São estes dos engenheiros Allen Lima, Victor Anunciada e Óscar Potier.

□

Allen Lima, referindo-se especialmente aos Engenheiros-Doutores, faz-se eco das queixas das Universidades relativas à falta de vontade dos empresários industriais em dar-lhes emprego.

Penso que não é certamente o grau académico que lhes impede o acesso às empresas, visto ser normal terem ao seu serviço economistas, licenciados em físico-química, advogados e outros funcionários graduados (ainda que sem doutoramento). Parece-me, pois, que a preocupação é mais aparente do que real. As empresas, conforme o tipo de indústria e os processos que utilizam nas suas explorações, procuram os técnicos melhor adaptados às funções a desempenhar. É evidente que quando elas têm de enfrentar problemas para melhorar, sob qualquer aspecto, a sua eficiência - melhorar a qualidade dos seus produtos ou torná-los competitivos e, sobretudo, **innovar** as técnicas de **rotina** - têm de sobrepor **especialistas** capazes de estudar essas melhorias e inovações e pô-las em prática. É aos engenheiros doutorados, possuidores de mais vastos e avançados conhecimentos, especializados em determinadas vias, que os empresários têm de recorrer. E há exemplos bem à vista.

Outra saída para os doutores-engenheiros está certamente na **gestão** das empresas, embora para se ser gestor, além de conhecimentos especializados, tenha de se ser dotado de **vocação** para o bom exercício de tal função.

□

O trabalho do Eng. Victor Anunciada, de incontável valor ao abordar tema tão importante como o do desenvolvimento da indústria da construção de equipamentos eléctricos, contém afirmações e argumentação que me apetecia discutir, se para isso estivesse devidamente preparado. Mas, afastado há muitos anos de actividades profissionais e de contactos com os meios industriais, tenho de me abster ... e limitar-me a algumas observações sobre o que me pareceu mais discutível.

O Eng. Anunciada afirma (transmitindo os ditos de outros engenheiros) que a indústria eléctrica teve no país um começo auspicioso, mas que depois, as empresas se estiolaram ou se transformaram em "centros produtivos de empresas estrangeiras".

A este respeito, permito-me observar os comentários seguintes.

Por alturas da 1.^a fase da "electrificação nacional", no país apenas laboravam estabelecimentos industriais no sector eléctrico, produzindo, quase exclusivamente, materiais para instalações em B.T. Aparte o fabrico de isoladores de M.T. para linhas de transporte de energia e pequenos transformadores e motores eléctricos, pouco mais se fazia.

O sector metalomecânico com tradições industriais mais antigas já se encontrava em condições de apetrechar as pequenas hidroeléctricas que se iam instalando no país, quanto a condutas forçadas, comportas, válvulas e outros acessórios, assim como podia fornecer postes metálicos para as linhas de transporte a M.T.

Desta maneira, para as hidroeléctricas que constituíram a 1.^a fase da rede eléctrica nacional, as fábricas deste sector contribuíram com o equipamento que já estavam habilitadas a construir. No entanto o equipamento electro-produtor (turbinas, alternadores) transformadores, quadros eléctricos, etc., e ainda os materiais para as linhas de transporte de energia em A.T. e para as subestações de alimentação das redes secundárias, veio tudo do estrangeiro.

Esta situação despoletou naturalmente a vontade dos industriais dos dois sectores para participarem no máximo que lhes fosse possível nos fornecimentos de novas instalações da rede eléctrica nacional, tanto mais que nesse sentido eram animados por disposições oficiais de protecção.

Mas para se lançarem na construção de equipamentos que até aí não fabricavam, tinham de saber construí-los e para isso tinham de adquirir novas tecnologias... e depressa.

A solução lógica e expedita era a de se dirigirem aos fabricantes desses equipamentos no estrangeiro e solicitar-lhes assistências, licenças de construção, ou mesmo associarem-se com eles.

E conseguido este objectivo, começaram a ser fabricados no país componentes cada vez mais importantes, até se chegar praticamente quase à fabricação total de turbinas hidráulicas e a vapor, alternadores, transformadores, geradores de vapor, condensadores, aquecedores, disjuntores, quadros eléctricos, etc. Assim, os construtores nacionais desses equipamentos passaram a abastecer o mercado nacional e até mercados estrangeiros, através dos seus associados ou por si mesmo. E aqui lutavam em concorrência com outros fabricantes!

Não faltou, pois, o **saber** para que a indústria nacional conquistasse um bom lugar ao Sol... da técnica, posição que também foi alcançada noutros sectores, como, por exemplo, no da electrónica.

É certo que por vezes se têm levantado dificuldades para manter essa posição. Entre estas contam-se as que resultam das condições de financiamento obtidos no estrangeiro, que limitam a preferência pelos equipamentos nacionais e chegam mesmo a anulá-la.

Este preito de justiça feita aos industriais nacionais já vai longo e no entanto o depoimento do Eng. Anunciada merecia-me ainda algumas observações.

Dispensamo-me de as apresentar nesta ocasião.

Mas sugeria que a revista *Electricidade* pedisse aos industriais que escrevessem a "história" da sua criação e desenvolvimento (alguns, poucos, apresentaram-na no n.º 100 da revista). Seria um interessantíssimo capítulo da história da electricidade nacional que a revista publicaria(*).

□

Passo ao depoimento do Eng. Potier. Considero-o "extraordinário" por versar um assunto muito "sui generis" (que me levou a reler o seu artigo publicado tempos atrás na revista).

Não conheço pessoalmente o Eng. Potier e ignoro quais são as suas ocupações.

Constato, no entanto, que estamos em presença de um apaixonado e estudioso cultor de teorias relativas a uma possível nova forma de se obter energia, fora das "clássicas". Apesar das suas "demonstrações" relativas à "existência" desta energia, pergunto: Se há mais adeptos das suas ideias, porque não se manifestam? Haverá mais investigações neste sentido?

O seu caso faz-me lembrar o do físico inglês contemporâneo Stephen Hawking, autor de numerosos trabalhos teóricos sobre a concepção do Universo, que lhe têm valido prémios e honrarias e que até o apontam como sucessor de Einstein. Deste resultado, para bem e para mal da humanidade, a descoberta da fissão nuclear. Dos trabalhos de Hawking o que é que resultará de prático?

Por meu lado, faço votos para que o apelo de Potier seja ouvido.

Ainda a seu respeito, direi que me surpreendeu e lisongeou verificar que os meus insignificantes artigos históricos não lhe passaram despercebidos, a ponto de lhe merecerem citação.

Obrigam-me a mostrar-me muito reconhecido.

□

Finalmente, e para terminar, também para o meu caro Amigo, Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos, venho mostrar a minha gratidão pela generosidade de ter inserido no 300.º número da *Electricidade* o meu artigo que bem intitulou: "*Ler a revista Electricidade*".

Não esperava que o "adornasse" com a transcrição dos apontamentos que acompanharam o projecto do artigo.

O que neles escrevi não contava que fosse divulgado. Por isso, não sei como o Eng. Abílio Fernandes vai reagir ao meu alvitre, sobre o qual não o consultei. O livro "*Lisboa e a Electricidade*", edição da EDP, é de distribuição gratuita, feita pelos Administradores da empresa. ■

(*) **Nota do Director:** A sugestão aqui fica, naturalmente acompanhada do nosso aplauso e a disponibilidade da *Electricidade* para veicular as histórias das indústrias portuguesas do sector eléctrico e electrónico. Segue-se esta ideia ao desabafo espontâneo que ontem ouvimos do Eng. Pinheiro Torres quando lhe mostramos um exemplar do n.º 300 da revista: "Tantos anos quantos os da Schreder!". Já dá para contar uma bonita história, não é? Mas há muitas mais.